

# A ECONOMIA VAI ENCOLHER NO INÍCIO DO ANO QUE VEM

## ENTREVISTA

a Paulo Silva Pinto  
Da equipe do Correio

Os brasileiros podem contar com dias piores no início de 1998. Haverá redução do Produto Interno Bruto (PIB, medida da criação de riquezas de um país) e do nível de emprego. A afirmação não é de um crítico do governo, e sim do professor e secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros. Uma parte da culpa, diz ele, é das montadoras, que acumularam estoque e agora terão que demitir. A outra é da crise da Ásia, que empurrou para cima os juros. Mendonça de Barros discorda, porém, de que esse cenário seja o prenúncio de agravamento da crise. O secretário vê motivos claros para otimismo na agricultura e nas contas externas. Mas existe uma grande incógnita: se as compras de Natal vão conseguir limpar os estoques, retomando a atividade industrial já no início do ano. Ele aposta que sim.

**Correio Braziliense — O Brasil terá um Natal ruim?**

**Mendonça de Barros** — Não, acho que vai ser razoável. Exceto o setor automotivo, a indústria já vinha ajustando seus estoques para baixo porque a demanda já tinha enfraquecido em maio. Aí vem aumento de taxa de juros, o consumidor ficou muito preocupado com o pacote em si. Três anos sem esse tipo de evento. Aliás acho que a parte mais desagradável de ter feito aí esse esforço fiscal foi a surpresa, essa coisa de pacote, ansiedade. Foi ruim. O que acabou acontecendo é que o movimento das lojas caiu muito nos primeiros momentos (do pacote). Nós achamos que, à medida que vai entrando o mês de dezembro, aprovam-se coisas no Congresso, normaliza o fluxo cambial, todo o ar de volta à normalidade está fazendo com que o consumidor também volte a comprar. Os consumidores vão fazer ajustes. Talvez alguém não compre um carro, mas vai comprar alguma coisa mais barata. Esse reordenamento de compras vai acontecer em todas as áreas. O movimento de Natal vai ser razoável, talvez não muito menor que seria se não tivesse havido a crise da Ásia. A indústria agora está usando em escala um pouco maior o que é comum nesta época do ano: as férias coletivas, para não aumentar os estoques.

**Correio — Mas é normal no fim do ano?**

**Mendonça de Barros** — É normal. Não é raro, em dezembro, ter férias coletivas, quando o comer-

# José Roberto Mendonça

Fotos: Carlos Moura



Mendonça de Barros: "Teremos um Natal mais próximo do normal do que as pessoas poderiam pensar no auge da crise"

cio compra mais cedo. Aí a indústria volta no começo de janeiro. Dessa vez está antecipando férias coletivas por causa da crise, da taxa de juros. Quem está dando férias coletivas são aqueles setores em que não têm dúvida que o estoque ficou grande demais para o tamanho do mercado. Mas os fabricantes de CDs, de coisas mais baratas, estão trabalhando com três turnos. Ficou assimétrico. Tem gente parando e tem gente trabalhando mais ainda, porque sabe que vão aumentar suas vendas. O tamanho do estoque que sobra do Natal é a chave do primeiro trimestre. O que seria muito ruim é que se sobrasse estoque na virada do ano, as indústrias dariam férias coletivas e na volta não teriam pedido. Aí seria complicado, porque o ajuste seria de emprego. A minha hipótese é de que nós vamos ter um Natal muito mais próximo do normal do que as pessoas poderiam pensar no auge da crise. As indústrias e o comércio já aprenderem que juro alto e estoque não combinam. Todo mundo está querendo fazer promoção para não micar estoque. Vai ter uma demanda de reposição, que vai ser mais lenta que se não tivesse tido a crise.

**Correio — E em 98?**  
**Mendonça de Barros** — No ano que vem duas coisas também ajudam não ter uma redução tão grande de crescimento econômico. Primeiro, a agricultura. Por circunstâncias felizes, quando veio a crise, todo o plantio e as decisões

de compra e financiamento já tinham acontecido. O clima até agora está indo muito bem (o secretário bate na madeira três vezes) e começa-se a colher fim de fevereiro, início de março.

**Correio — Tem o El Niño. Até agora ele só ajudou, prejudicando a colheita de café na Indonésia e elevando os preços do produto.**

**Mendonça de Barros** — É por isso que eu estou fazendo assim (bate de novo na madeira). Se o clima não atrapalhar, no primeiro trimestre, no interior, a renda começa a subir. O emprego no interior sobe, a atividade de transporte, a atividade de beneficiamento também sobem. A outra coisa que vai melhor que no ano passado são os investimentos industriais e de infra-estrutura que decorrem da privatização. Isso ajuda a manter a demanda de máquinas. É interessante observar o seguinte: não há notícia de sequer um projeto de investimento que tenha sido cancelado.

**Correio — É, mas em alguns casos reduziram o tamanho do investimento.**

**Mendonça de Barros** — Alguma coisa, mas ainda assim é muito pouco. Há o caso da Braham, que é mais conhecido. Mas em geral está tudo mantido, investimentos estrangeiros. Esse é o lado bom. O lado ruim é que a indústria automotiva acumulou estoque.

**Correio — A indústria automotiva errou?**

**Mendonça de Barros** — Errou. Ela está forçando a mão desde

agosto. Nitidamente o mercado estava pesado. É como uma pessoa que come mais que deve e fica pesada. A gente acompanhava aqui.

**Correio — Vocês já previam isso?**

**Mendonça de Barros** — Nós erramos. Em junho, se pegar o nosso boletim, nós falamos que (a indústria automotiva) está acumulando estoque, deve diminuir o ritmo de produção. Não reduziram e aí ficou pesado. Chegou a 180 mil unidades de estoque. Aí, se o consumidor pára, assusta mesmo. Com a agravante de que carro tem o problema do ano. Estoque de final de ano na indústria de carro é pior ainda. Vira o calendário, vira o modelo. O que está por trás disso é briga de mercado. É o dilema de prisioneiro: quem começa primeiro. Nessa concorrência oligopolística é fácil reduzir a produção quando todo mundo reduz junto. É o que aconteceu com os eletroeletrônicos. Em julho ficou claro que a demanda caiu e começaram a cortar. A situação da indústria automotiva pesará no primeiro semestre no ano que vem.

**Correio — Vai puxar o desemprego para cima, não é?**

**Mendonça de Barros** — Vai puxar o desemprego para cima. A taxa de desemprego cresce no primeiro trimestre. O quanto, depende da demanda de reposição, eu não tenho condições de estimar. Além disso, a taxa de juros puxa mesmo. Torna mais caras as coisas.

**Correio — A indústria automotiva pode contagiar outras?**

**Mendonça de Barros** — Não, é específico. É importante, porque a cadeia (de produção, que envolve outras indústrias) é muito grande. Claramente teremos um crescimento menor do que teríamos. O cenário para mim é de um primeiro trimestre mais fraco, mas já começando a recuperar a partir do segundo trimestre. Quando? A chave é a redução da taxa de juros. Assim como a taxa de juros está parando, é a taxa de juros que vai liberar. Quanto mais rápido, mais fácil é a recuperação. Hoje não dá para dizer. Depende de acalmar lá fora. A Coreia fazer acordo com o mundo. A inflação deve cair. O crescimento será menor que no próximo ano, porém positivo. No primeiro trimestre será melhor que nos outros. Quanto pior depende, como eu te falei, do estoque de passagem, o quanto deverá render a agricultura e os investimentos.

**Correio — Há economistas que dizem o contrário.**

**Porque os produtos asiáticos e europeus estão mais competitivos que os brasileiros, graças a desvalorizações cambiais que eles fizeram neste ano que passou, enquanto nós mantivemos a taxa de câmbio. E na Ásia vai ter recessão, vão comprar menos produtos brasileiros.**

**Mendonça de Barros** — No caso de alguns produtos, é verdade. Mas aqui também vai se comprar menos. Se o produto (PIB do Brasil) vai cair, vão importar relativamente menos. Tem uma parte das nossas exportações, principalmente agrícolas, que são menos afetadas por isso, nós somos mais competitivos mesmo. Claro que vender frango na Ásia ficou mais difícil. Mas não quer dizer que nós não vamos vender o complexo soja. Se você pegar a combinação importação e exportações, vai melhorar, não tem dúvida. Em transações correntes melhora porque nós vamos ter menos pressão de amortização (pagamento da dívida externa). Na Coreia, dois terços da dívida vencem em um ano. Não é biscoito. Nós temos no ano que vem US\$ 7 bilhões a menos de vencimentos que neste ano.

**Correio — Teremos recessão em 1998?**

**Mendonça de Barros** — Recessão é quando há três trimestres consecutivos de queda (do PIB). No meu cenário, não existe. O primeiro trimestre de 1998 será de queda, isso não tem dúvida.

**Correio — Em relação ao mesmo período do ano anterior?**

**Mendonça de Barros** — Ah, vai ser mais fraco. Só a automotiva garante isso. Não tem dúvida, é muito forte na cadeia de produção. No ano todo haverá crescimento. O perfil será diferente do que em 1997, em que nós começamos mais aquecidos e terminamos mais lentos.

**Correio — O emprego vai se reduzir em 1998 no Brasil?**

**Mendonça de Barros** — O emprego vai se reduzir. No começo do ano certamente a taxa de desemprego sobe. Sazonalmente a taxa de desemprego sobe no início do ano.

**Correio — Mas independentemente dessa sazonalidade (mudança que ocorre todo ano em determinado mês), 1998 será um ano complicado para emprego?**

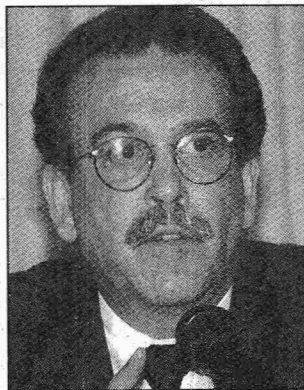
**Mendonça de Barros** — É. Essa parte de desemprego cresce no começo do ano. Melhora ao longo do ano como um todo. Não sou capaz de dizer se como média do ano, ou se chega no fim do ano pior que esse ano. Não tenho certeza. Mas no primeiro semestre vai acabar aumentando (o desemprego).

## DISSE ME DISSE

■ "O CONSUMIDOR FICOU MUITO PREOCUPADO COM O PACOTE EM SI. TRÊS ANOS SEM ESSE TIPO DE EVENTO. A PARTE MAIS DESAGRADÁVEL FOI A SURPRESA, ESSA COISA DE PACOTE, ANSIEDADE. FOI RUIM."

■ "SE O NATAL FOR MAIS OU MENOS NORMAL, SE VOCÊ TIVER ALGUMA DEMANDA DE REPOSIÇÃO, O NÍVEL DE ATIVIDADE NÃO CAI TANTO (EM JANEIRO)."

■ "ESSA PARTE DE DESEMPREGO CRESCE NO COMEÇO DO ANO. MELHORA AO LONGO DO ANO COMO UM TODO. NÃO SOU CAPAZ DE DIZER SE COMO MÉDIA DO ANO SERÁ MELHOR, OU SE CHEGA NO FIM DO ANO PIOR QUE ESTE ANO. NÃO TENHO CERTEZA."



■ "O QUE SERIA MUITO RUIM É QUE SOBRASSSE ESTOQUE NA VIRADA DO ANO. AS INDÚSTRIAS DARIAM FÉRIAS COLETIVAS E NA VOLTA NÃO TERIAM PEDIDO. AÍ SERIA COMPLICADO, PORQUE O AJUSTE SERIA DE EMPREGO."

■ "RECESSÃO É QUANDO HÁ TRÊS TRIMESTRES CONSECUTIVOS DE QUEDA (DO PIB). NO MEU CENÁRIO, NÃO EXISTE. O PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1998 SERÁ DE QUEDA, ISSO NÃO TEM DÚVIDA."

■ "O PIB INDUSTRIAL DA ÁREA METROPOLITANA DE SÃO PAULO CHEGOU A SER 40% DO BRASIL. E ISSO ESTÁ EM FRANCA DECADÊNCIA. A SAÍDA É SERVIÇO, MAS A TRANSIÇÃO É DANADA DE COMPLICADA."